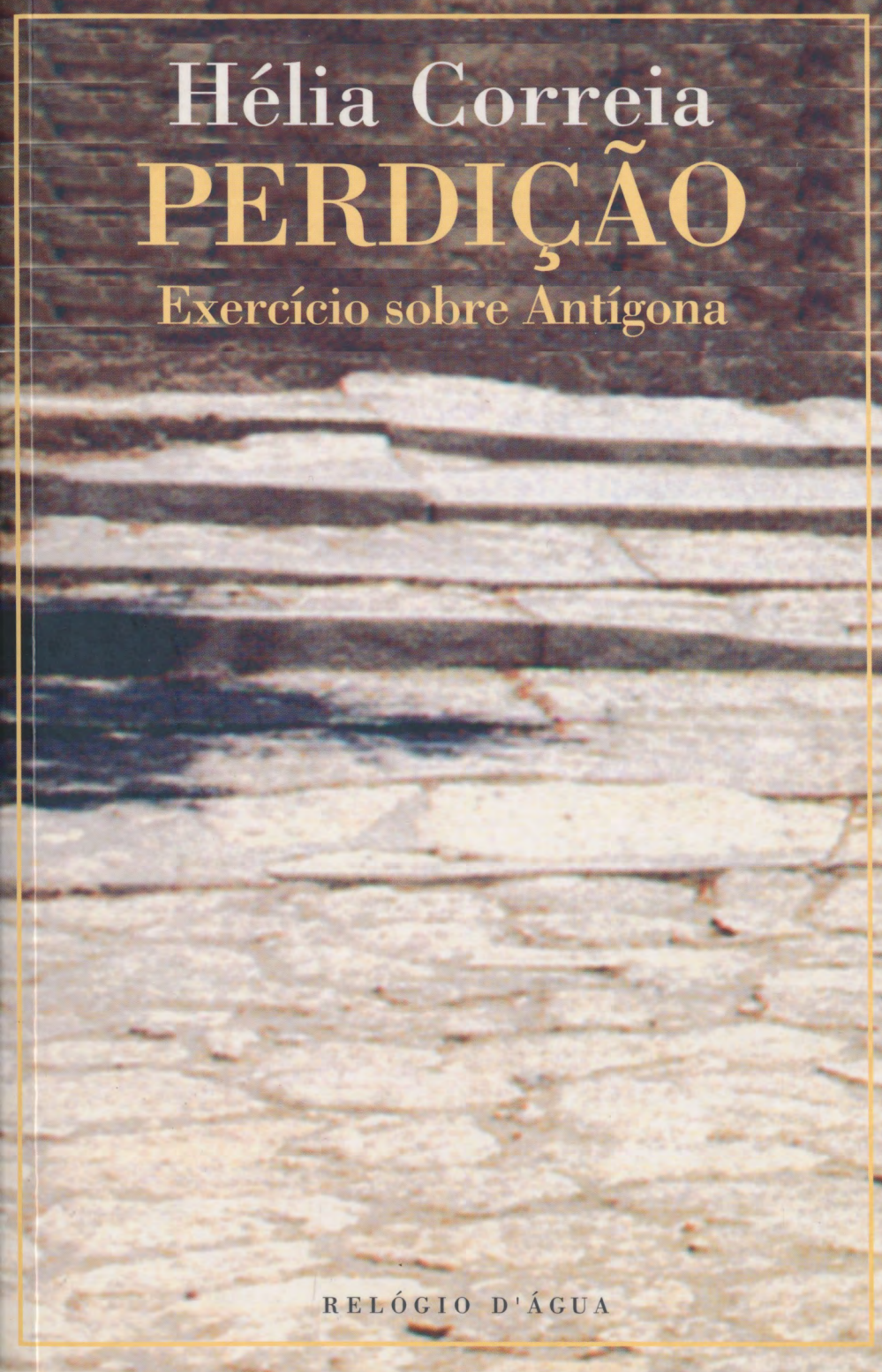
Hélia Correia
PERDIÇÃO
Exercício sobre Antígona
RELÓGIO D'ÁGUA

Hélia Correia

# Perdição

## Exercício sobre Antígona

Prefácio de
Maria de Fátima Silva

Teatro

Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
Telef.: 21 8474450
Fax: 21 8470775
www.relogiodagua.pt
relogiodagua@relogiodagua.pt

Título: Perdição — Exercício sobre Antígona
Autora: Hélia Correia
Prefácio: Maria de Fátima Silva
Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho
Capa: Relógio D'Água Editores sobre pormenor da escadaria do Teatro de Cnossos, em Creta

1.ª edição, Publicações Dom Quixote em 2001

© Relógio D'Água Editores, Novembro de 2006

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Tipografia Guerra / Viseu
Depósito Legal n.º: 249918/06

Hélia Correia

# Perdição

Exercício sobre Antígona

Prefácio de
Maria de Fátima Silva

Teatro

# Perdição

Exercício sobre Antígona

PERSONAGENS:

ANTÍGONA
AMA DE ANTÍGONA
EURÍDICE, mulher de Creonte
ISMENA, irmã de Antígona
HÉMON, filho de Eurídice e de Creonte
CREONTE, rei de Tebas
CRIADO DE CREONTE
MENSAGEIRO
GUARDAS

ANTÍGONA MORTA
AMA MORTA

TIRÉSIAS

TRÊS PLANOS:

1) Tirésias, o adivinho cego, muito velho, preside e comenta os acontecimentos, longe do local da acção.

2) Um pátio do palácio de Tebas e depois a sala do trono. Aí se desenrolam os diálogos dos vivos.

3) Um campo de asfódelos na penumbra. As mortas devem atravessá-lo, perdendo cada vez mais a luz e a relação entre elas.

Um hino a Dioniso será entoado ao longo da peça, nas mudanças de cena, nos silêncios, ou como fundo em certos diálogos.

CORO DAS BACANTES
*(Ditirambo)*

*Admite-se a presença de um Exarchôn, isto é, de um animador que dê sinal para o início da dança e provoque a espaços as respostas rituais das mulheres.*

*A dança é circular, pelo menos na intenção: visa entontecer até ao transe e à perda dos sentidos.*

Pelo fogo da língua,
pelo sopro e o contágio da língua.
Pela boca,
os buracos do corpo que nos ligam
ao estrume
e ao alimento.
Os buracos do corpo onde entra o homem
e escorrem as sangrias,
por onde nos rebentam as crianças.
Ó bodezinho.
Ó tocador da flauta
que nos leva à loucura.
Ó tu, o mais terrível
e o mais doce dos deuses.
Ó dançarino,
ó condutor de feras.
Pelo fogo da língua te chamamos,
ó mugidor.

À roda, à roda, à roda,
oh, a cabeça à roda para trás,
essa cabeça
separada do corpo,
cabeça sacudida,
ombros picados
pelo grande aguilhão.
Ah, raparigas,
será isto o amor?

Dionysos Baccheios!
Euoi, euoi! Iú-Iú!
Deita-nos o teu cuspo,
o cuspo de oiro
que nos faz rir
e levantar as saias.
O teu belo bastão
onde se enroscam
a vide e a folha de hera.
Oh, que escorra essa espuma
pela nossa barriga,
que nos faça deitar,
ó touro. Ó gritador!

Dionysos Bromios!
Euoi, euoi!
Chegou o ruidoso!
O deus que se ouve ao longe
a ribombar,
a remoer,
a comover a terra.
E galopa, galopa,
esta criança
com seus cascos azuis.
O perseguido
que ama perseguir.
Ah, o grande insensato,
o passageiro,

o risonho senhor
da escuridão.
Oh, por onde nos levas?
Para onde?
O som da tua flauta enrosca,
enrosca,
desce pelas goelas,
queima e encharca.
À roda, à roda, à roda,
raparigas.
Temos o deus em nós.
É isto o amor?

Euoi, iú-iú!
Euoi, ó Baco!
Ah, que longe está de Tebas,
longe a lei.
Longe os terraços,
longe os leitos, oh!
Dá-nos o gozo, ó deus,
escorrega e arde,
delícia das entranhas, saborosa
perdição dos sentidos.
Faz-nos voar.
Arranca-nos soluços.
Amanhã morremos
e é preferível
pensar que por ti, sim,
valeu a pena.

Ômadios!
Comedor de carne crua!
Euoi! Euoi! Iú-iú!
Para os teus dentes agudos,
para as tuas mãos cobertas
de cabelo
atiramos a carne
ainda viva.